

RE: Relatos que inspiram

Em mais uma edição em que apresentamos relatos de experiências desenvolvidas durante a pandemia da Covid-19, conheceremos a história de uma Profissional aposentada que resolveu reativar o registro profissional para poder atuar durante a quarentena. Também saberemos como as aulas de Educação Física foram realizadas nesse período em um centro socioeducativo. As duas experiências, ambas de São Paulo, são exemplos de criatividade e de empatia num momento tão difícil que vivemos.



EXERCÍCIO FÍSICO É APOSTA PARA RESSOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES

Como adaptar aulas que envolvem contato físico, troca de aparelhos, correção corporal, dentre outros, diante da necessidade do distanciamento social? Essa foi a desafiadora tarefa que os Profissionais de Educação Física precisaram solucionar para dar continuidade ao ensino da disciplina durante a pandemia. Se não foi fácil no ambiente escolar, nos centros socioeducativos tampouco foi diferente. E foi diante dessa nova realidade que o Profissional de Educação Física Geronimo Monteiro [CREF 106432-G/SP] iniciou seu trabalho na Casa Chiquinha Gonzaga, maior centro socioeducativo feminino da Fundação CASA, em São Paulo. O centro é destinado à internação, medida socioeducativa de privação de liberdade, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e atende aproximadamente 90 adolescentes.

Geronimo explica que a sua preocupação, diante do cenário da Covid-19, foi mitigar seus efeitos sobre os aspectos socioemocionais e cognitivos das adolescentes. “A ideia era manter as aulas de Educação Física acessíveis, atrativas, onde fosse possível experimentar, fruir e se apropriar dos elementos que constituem as atividades até mesmo a distância”. A alternativa encontrada foi abordar a Educação Física pelo aspecto do jogo, principalmente os de mesa. Os materiais foram desenvolvidos a partir de paletes e caixas de feira, inspirados em jogos e tecnologias dos anos 80 e 90.

“A ideia era manter as aulas de Educação Física acessíveis, atrativas, onde fosse possível experimentar, fruir e se apropriar dos elementos que constituem as atividades até mesmo a distância”



Na prática, as aulas funcionaram da seguinte forma: Geronimo, que é Profissional da Secretaria de Educação, gravava as aulas, encaminhava o material aos Profissionais de Educação Física do Centro, que ministravam as atividades.

Como as jovens estão privadas de liberdade, o distanciamento não foi possível. No entanto, de acordo com Júlio Cesar Teixeira [CREF 113054-G/SP], Profissional da Casa Chiquinha Gonzaga, todas as medidas de segurança foram e seguem sendo tomadas. “Sempre que possível, as atividades são realizadas ao ar livre. Além disso, o uso de máscaras de proteção, limpeza das mãos e uso de álcool em gel é uma rotina diária”, explica.

Júlio Cesar atua no Centro junto com mais duas profissionais, Eliani Aranda [CREF 059083-G/SP] e Rosana Schempf [CREF 013095-G/SP], que oferecem, no contra turno, diferentes experiências esportivas. “Buscamos variar o repertório de atividades físicas para que elas conheçam e descubram o que gostam e, assim, possam manter uma rotina saudável ao saírem da unidade”, explica Júlio Cesar.

“As atividades contribuem para o ensino de habilidades cognitivas e socioemocionais, mas acredito que a maior contribuição é que elas venham aprender que existe um meio possível, viável, lícito e saudável para o projeto de vida fora do centro, onde elas têm de estar preparadas para este mundo capitalista, competitivo e desigual”

Apesar do trabalho conjunto ser temporário, os objetivos das equipes seguem alinhados. Geronimo Monteiro conta que um dos grandes desafios da educação pública é estreitar o abismo que existe entre a “escola ideal” e a “escola real”. “As atividades contribuem para o ensino de habilidades cognitivas e socioemocionais, mas acredito que a maior contribuição é que elas venham aprender que existe um meio possível, viável, lícito e saudável para o projeto de vida fora do centro, onde elas têm de estar preparadas para este mundo capitalista, competitivo e desigual”, defende o professor.

SOBRE A FUNDAÇÃO CASA

A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania, tem a missão primordial de aplicar medidas socioeducativas de acordo com as diretrizes e normas previstas no ECA e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

A Fundação CASA presta assistência a jovens de 12 a 21 anos incompletos em todo o Estado de São Paulo. Eles estão inseridos nas medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade. As medidas — determinadas pelo Poder Judiciário — são aplicadas de acordo com o ato infracional e a idade dos adolescentes.



COM ISOLAMENTO, APOSENTADA REATIVA CREF E CONQUISTA ALUNOS INTERNACIONAIS

Maria Regina conta que retomar atividade Profissional em novo formato foi gratificante: “Me ressignifiquei”

Aposentada há 24 anos, Maria Regina Longhi [CREF 145121-G/SP] viu uma porta se abrir com o isolamento social. “Reativei meu CREF e passei a gravar vídeos direto da minha casa, para oferecer programas de exercício físico a mulheres que também estavam em isolamento”.

Graduada há 42 anos, a Profissional nunca havia pensado nessa possibilidade e se surpreendeu com o retorno. “Gravei vídeos e publiquei no Facebook, Instagram e hoje estou com canal no YouTube. Para minha surpresa, alcancei mulheres de todas as idades no Brasil e fora dele”.

Maria Regina ajudou outras mulheres e recebeu, em troca, o justo reconhecimento. “Fiquei muito feliz em poder colaborar para o coletivo com minha formação acadêmica, nesse período tão difícil. Principalmente, com um retorno maravilhoso de gratidão das mulheres”.



Mesmo com seus vídeos chegando ao exterior, o primeiro apoio veio de dentro de casa. “Tenho uma família em que todos praticam atividade física. Meus dois filhos sempre praticaram, além do meu marido, que joga tênis há alguns anos. Por isso, todos me deram apoio e me incentivaram a colocar em prática a minha formação acadêmica, mesmo depois de alguns anos sem ministrar aulas”. Dominar a tecnologia se tornou fácil com o apoio da nora, que é designer.

O retorno à atividade, claro, foi um desafio. “A princípio fiquei um pouco preocupada, mas voltei a me reciclar e procurar mais informações para que eu pudesse estar auxiliando de uma forma que pudesse levar incentivo à prática de exercícios físicos”. Por isso, Maria Regina buscou cursos on-line e fez vários nesse tempo. “Agora, por exemplo, estou aprendendo mais sobre Pilates”.



Com toda essa dedicação, é claro que o trabalho seria um sucesso. “A princípio, eu postava os vídeos nas redes sociais, inclusive grupos existentes no Facebook e tinha um retorno muito gostoso. O público, majoritariamente feminino, na faixa etária de 40 a 70 anos, tem um motivo especial para aderir às aulas: “Sempre gravei os vídeos com músicas dos anos 70, 80 e 90. Elas amam”.

Foi assim que Maria Regina colocou em prática seu propósito e contribuiu com o coletivo num momento pandêmico, deixando a vida de tantas mulheres mais leve. “Foi um período muito difícil. Esses momentos de aula foram muito positivos para elas e para mim. Eu me ressignifiquei. Embora seja sem remuneração, fico muito feliz em poder contribuir com as pessoas, compartilhando o que aprendi há muitos anos e ainda estou aprendendo, e me propondo a ser uma incentivadora da prática de atividade física, sinônimo de bem-estar, saúde e alegria”.

“Fiquei muito feliz em poder colaborar para o coletivo com minha formação acadêmica, nesse período tão difícil. Principalmente, com um retorno maravilhoso de gratidão das mulheres”

ENVIE A SUA EXPERIÊNCIA
Nós queremos conhecer a sua
experiência, seja ela na escola,
academia, hospital, clube ou
qualquer outro segmento.
Envie o seu relato para o
e-mail revistaef@confef.org.br
br e teremos o maior prazer em
compartilhá-lo.
